

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

MARÉ VIVA

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO IX N.º 393 — PREÇO 15\$00 — 7/6/84

JOSÉ HERMANO SARAIVA AO «M.V.»:



«SOMOS UM PAÍS MANIQUEISTA»

«Não há ciência à qual melhor se aplique o ditado — cada cabeça, sua sentença — que à História».

Disse-o o Prof. José Hermano Saraiva que recentemente esteve em Espinho, a convite da Cooperativa Nascente. Aqui deixou uma parte dessa semente cultural que um pouco por todo o lado e das mais variadas formas este historiador tem semeado.

Não precisa de apresentações e por isso mesmo não as faremos, reservando o espaço de que dispomos para deixarmos aos leitores as opiniões deste investigador sobre algumas questões que lhe colocámos na entrevista que teve a amabilidade de nos conceder.

— ENTREVISTA NA ÚLTIMA PÁGINA

NOTÍCIAS DA CIDADE

Novo censo revela 381 novos eleitores em Espinho

— PÁGINA 3

DUAS CRIANÇAS ESPANCADAS PELO PAI

— PÁGINA 5

HÓQUEI EM CAMPO DA A. A. E.

UMA BOA PRESENÇA NO TORNEIO DE MADRID

— PÁGINA 7

Câmara vai manter horários do comércio

— PÁGINA 4



Abriu e fechar — horas mantêm-se

maré viva
esteve em
MADRID

no V Torneio Internacional de Hóquei em Campo

com o patrocínio de



KING - SPORT

TUDO PARA DESPORTO E CAMPISMO

ESPELHO MEU

«DORME MENINO»

Comunicação Social, Num fenómeno que não podemos esquecer nem ignorar e contra o qual nos temos que precaver.

Esta frase parece não passar de um senso-comum, da repetição de uma verdade já bem enraizada nas nossas mentes. Mas não, é mais uma sentença de impotência porque a realidade é outra. É a realidade do esquecimento deste fenómeno que nos invade a casca por que lhe estamos tão habituados como ar que respiramos, e por isso nos passa despercebido, mas ao mesmo tempo nos controla.

Comunicação Social, «mass media», informação este fenómeno que preocupa sociólogos que mexe políticos, que controla massas. Já se aperceberam bem que isto faz correr o mundo e que lhe inventa novos ritmos, que até a pouco tempo nada era assim e as pessoas ainda paravam para pensar enquanto que agora se limitam a consumir ideias pré-fabricadas, esquecendo por

vezes toda a realidade, pois vivem a realidade que lhes é apresentada.

Cá em Portugal passa-se o mesmo, governo e afins afdigam-se nessa missão de fazer esquecer ao povo português tudo o que ele possa utilizar contra esse governo ou contra situações que é necessário mudar. Bem à moda do antigo fascismo dá-se alguma coisa «a comer» para que ele vá esquecendo o essencial, criam-se mitos, fantochadas bem encenadas e utiliza-se a onnipotente e manipulada Comunicação Social: «misses», telenovelas, e festivos da canção para esquecer a realidade bem dura que cá se vive, grandes jogos de futebol para esquecer os problemas do desporto, aos estudantes injectam-se umas queimadas de fitas estereis para não se lembrarem de debater um ensino falhado, cortam-se umas fitas, inauguram-se uns edifícios, mesmo que não estejam prontos, para dar sensação de prosperidade. Outros

exemplos se seguiriam pois os há imensos.

Um dos mais flagrantes e dos mais espectaculares por certo foi o das comemorações do 25 de Abril, em que o governo procurou fazer esquecer uma realidade histórica, só que desta vez não teve sorte e foi como tapar o sol com a peneira, graças às manifestações populares.

Vivemos num período de mistificação do real em que a Comunicação Social representa o papel principal e em que mesmo a mais bem intencionada cai; é preciso que o povo português se esqueça dos verdadeiros problemas ou então que acredite que a culpa é do passado, que actualmente a situação é inevitável mas que no futuro vai haver soluções milagrosas (em forma de CEE por exemplo), é preciso aproveitar a curta memória do eleitor, e nós sabemos quem tira o proveito desta situação.

E assim que vive o povo português sonámbulo por canções de embalar e por supuríferos devidamente açucarados que lhe vão dando até ao momento em que esteja suficientemente adormecido e amordaçado para se poder apunhalar à vontade.

D. P.

RASCUNHOS

Ei-la de novo. Uma vez mais floresceu em Maio (desta vez um Maio pingado e agreste) para desaparecer num Junho que se anseia ameno e morno. Chegou com a regularidade de mais de meio século de hábito.

Velha mas sempre capotosa. A atrair as atenções cobiosas de novos e velhos. A despertar desejos insuspeitados. A criar tentações no mais santo dos anacoretas. A oferecer-se, indiscriminadamente a todos e a cada um. E sem eleger preferidos.

Durante três semanas será a Caaba de praticantes devotos ou de meros curiosos. Estará sempre rodeada de uma pequena multidão variada.

Há quem vá até ela em ar de romaria profana. Quem vá adorá-la em jeito de peregrinação devota. Quem a busque com a luxúria dos lascivos. Quem se lhe aproxime apenas atraído pelo brazido quente das suas cores diversas. Quem a mire pretensamente de soslaio, a disfarçar o apetite voraz.

Rodeiam-na como as abelhas às flores púrpuras de pólen para alimentar a colmeia. Cercam-na como as formigas prevenidas à volta dos mantimentos que é preciso aforrar para os invernos parcos e dolorosos. Olham-na com o olhar guloso da criança que encosta o narizito à montra da confeitaria, a namorar o pastel que o seu paladar infantil gostaria de experimentar.

Ninguém poderá possuí-la na totalidade. Generosa na exposição do corpo é porém interesseira e só consente que, a troco de dinheiro, lhe levem pequenas partículas. Partículas

que uns irão colocar entre os bibelots feiosos da sala principal da casa como mais um motivo de decoração. Partículas que serão brevírios para piros crentes das mais diversas condições. Partículas que irão ser devoradas por esfomeados insaciáveis. Partículas que irão tornar ainda mais belos os sonhos dos que devaneiam. Partículas que serão molas propuloras para alguns mais empreendedores. Partículas que ajudarão muita e boa gente a esquecer as agruras do dia-a-dia.

Amigo que me lê, renuncie à partida da bola que decerto até nem vai prestar para nada, anule aquela taina bem libada que decerto até lhe ia fazer mal ao estômago, desista de comprar aquele feio objecto que viu na loja das inutilidades e que decerto ia ficar mal ao lado das coisas belas que tem lá em casa, adie o pagamento do imposto que ainda tem mais sessenta dias para o fazer com juros de mora. Amigo, vá vê-la. Vá à Feira do Livro e dê-se ao luxo de, pelos menos, comprar um livro. Pode ser que conquiste assim um amigo fiel para o resto da vida.

Carlos P. Morais

FARMÁCIAS

Quinta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
 Sexta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
 Sábado — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
 Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
 Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320
 Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
 Quarta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

Concurso "Resposta à Linha"

Teatro foi o tema

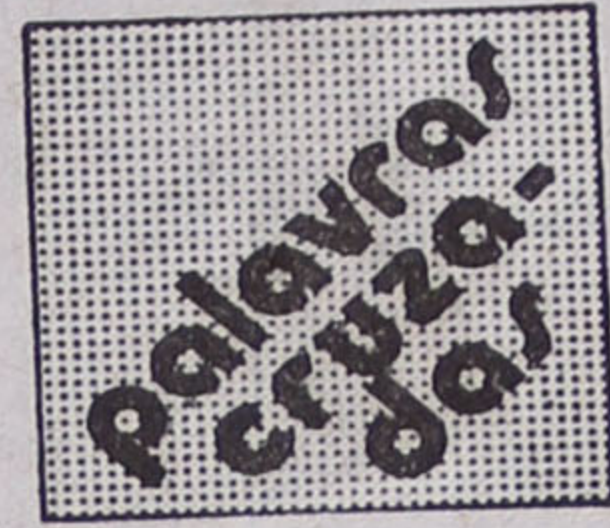
O nosso concurso «Resposta à Linha» continuou na passada sexta-feira, com a 3.ª sessão da 2.ª série.

Como de costume, anunciámos previamente o tema que desta vez era Teatro sendo a seguinte a pergunta a responder: diga o nome do escritor romântico do séc. XIX, fundador do Teatro Nacional D. Maria II, que entre outras peças teatrais escreveu uma bem conhecida, intitulada Frei Luís de Sousa; escreveu também Folhas Caidas (poemas) e Viagens na Minha Terra (romance).

Foram necessários dez telefonemas para encontrar a resposta certa, registando-se com agrado que alguns dos contactados estavam em casa propositadamente para a eventualidade de vir a surgir a sua oportunidade.

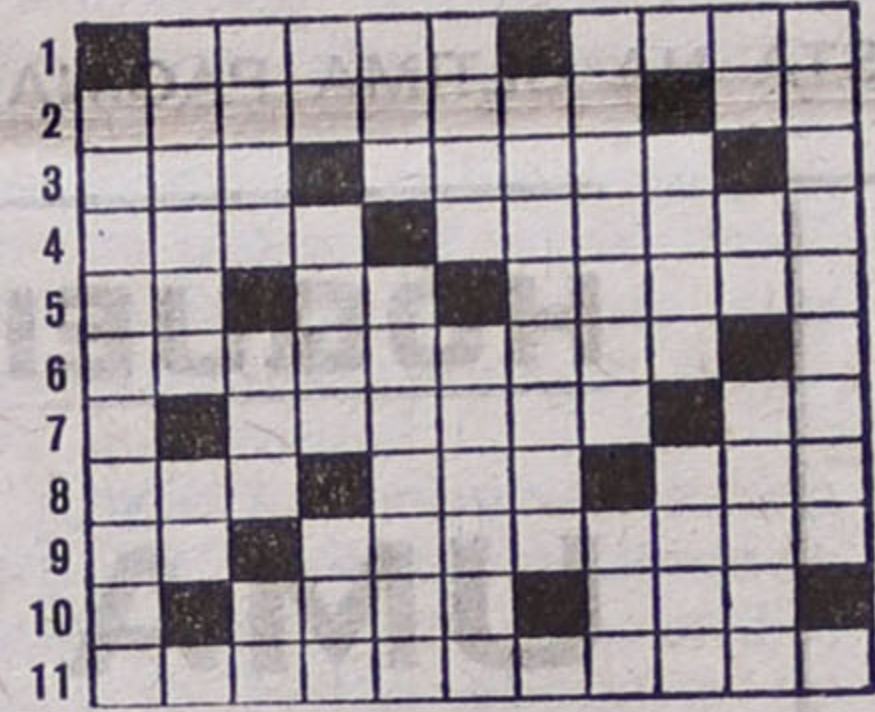
A resposta certa — Almeida Garret — deu-a Maria de Fátima Gomes Pinhal, que assim ganhou um livro numa oferta do Centro Livreiro da Coop. Nascente.

O tema da próxima sessão será «Televisão». Cuidem-se pois, vem aí a televisão...



N.º 71

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS

1 — Agora fala-se muito no mistério do das Bermudas. 2 — Não vinha; dá-lo é casar; é um congro pequeno. 3 — Juntar; não é imaginado. 4 — Há muitos nos cruzamentos das nossas ruas; fá-lo o rato. 5 — Macaqueia. 6 — Ligava; espevitar. 7 — Torpe; encontrado. 8 — No meio da capa; rumam sem centro; a minha pessoa. 9 — Antigo parlamento da Rússia; fá-lo à corda.

quem não cumpre o que promete; nesse ponto. 10 — Diverge; ouro para os químicos. 11 — Derrocadas.

VERTICAIS

1 — Choque; doce de uvas. 2 — Coaxa; faz com as mãos. 3 — É o tal das águas mil; dez reis dele coado é barato. 4 — Caminhara; guisado. 5 — É quando todos os gatos são pardos; fala de cão; quem o faz muito tem pouco siso. 6 — Os avançados do Espinho fizeram-no muito mal à baliza no recente nacional. 7 — Vogal plural; vizinho do oitavo. 8 — Família; os fotógrafos conhecem-no; o Fleming que criou o 007. 9 — Proponham; nota antiga. 10 — Partícula eléctrica; muida a data. 11 — Têm muitas cores.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 70

HORIZONTAIS: 1 — Porte, caim. 2 — Torresmo; lã. 3 — Ima;atina. 4 — Pais, anciãs. 5 — Od, te, hidra. 6 — Gafanhoto. 7 — Irrita, só. 8 — Avo, ilo, toc. 9 — Fã, acastela. 10 — Liar, RAI. 11 — Acorrerremos.

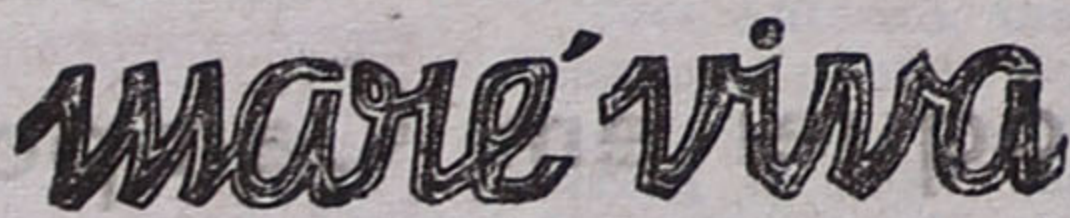
VERTICAIS: 1 — Tipografia. 2 — Pomada, vã. 3 — Orai, fio, ló. 4 — RR, star. 5 — Air. 6 — Tea, enricar. 7 — Está, hilare. 8 — Minhotos. 9 — Concita, tre. 10 — Aido, team. 11 — II, ar, sólo. 12 — Massaroca.

RIFAS DA NASCENTE

37.ª SEMANA — 31/5/84

- 175 — 5000\$00 — Maria Teresa Meneses
- 075 — 400\$00 — Alvaro Vieira de Sá
- 275 — 400\$00 — Carlos Alberto Pereira Figueiredo
- 375 — 400\$00 — Fernando Jorge
- 475 — 400\$00 — António Iglésias
- 575 — 400\$00 — António José Silva Guetim
- 675 — 400\$00 — António Augusto Correia Silva
- 775 — 400\$00 — Celina Silva
- 875 — 400\$00 — Américo Pinho
- 975 — 400\$00 — Amélia Alves Castro

Depósito Legal 2048/83



SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
 REDACTORES — Carlos Fresta, David Pontes, Francisco Lopes, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — José Oliveira
 COLABORADORES — Carlos P. Morais
 PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Mouselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
 Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L. Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
 Tiragem deste número: 2000 ex.

FONSECA

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 Tel. 720413

ESPINHO

NOVO CENSO REVELA

381 novos eleitores
na cidade

No passado dia 31 de Maio terminou o recenseamento eleitoral. Nos termos da Lei os cidadãos que completam 18 anos durante o ano em curso devem recensear-se e todos aqueles que mudaram de residência nos últimos tempos devem proceder à sua actualização.

Deste modo, Espinho tem mais 381 eleitores distribuídos da seguinte maneira: 74 transferências de várias localidades, 123 cidadãos recensearam-se pela primeira vez e finalmente 184 jovens nascidos no ano de 1966.

Durante o mês de Maio a Comissão de Recenseamento funcionou na sede da Junta de Freguesia entre as 18 e as 20,30 horas.

Em contacto com Romeu Vitó, Presidente da Comissão de Recenseamento, quisemos saber como decorreram os trabalhos ao longo deste período, tendo-nos este afirmado que: «os trabalhos decorreram normalmente sem perturbações. Nos últimos 5 dias é que a afluência foi maior».

Esta uma característica bem portuguesa. Desde que se trata de obrigações, quanto mais tarde melhor.

Num trabalho desta natureza a Comissão Recensadora teve a colaboração das forças políticas com representação nos órgãos autárquicos. Deste modo inquirimos Romeu Vitó para nos dizer quais as dificuldades havidas durante este período

de tempo. «Não tivemos grandes dificuldades, os trabalhos decorreram com grande normalidade, notando-se, somente, que na maioria dos casos se não houvesse boa vontade da parte dos elementos da comissão a maioria dos utentes não se teria recenseado. A qualquer questão levantada pelos membros desta os recenseados manifestavam a intenção de não procederem ao recenseamento. Ora isto, será um sinal que a obrigatoriedade do cidadão de recensear, parece não ser do conhecimento de todos. Para além dos elementos da Junta que integrariam a comissão, esta teve ainda a colaboração de elementos partidários do PSD e da APU».

ÓPERA EM ESPINHO

Realizou-se no passado dia 30 de Maio às 21,30 horas, no Salão Nobre do Casino de Espinho um espectáculo de ópera, produção conjunta do SOOM (Secção de Ópera do Orfeão da Madalena), do TEAR (Teatro Estúdio de Arte Realista) e da Orquestra Sinfónica do Porto da RDP-Porto. A promoção deste espectáculo esteve a cargo da SOLVERDE.

Pelo seu ineditismo em Espinho foi um espectáculo importante para a Cidade, porque mostrou-lhe ópera (espectáculo normalmente exclusivo de Lisboa com algumas excepções no Porto) e porque fê-la tomar contacto, uma vez mais, com as potencialidades e limitações da única sala de espectáculos local que, por isso mesmo, deveria ter merecido um estudo e uma construção mais cuidada. E durante a ópera várias ideias nos passaram pela mente: a importância do «fosso» de orquestra do saudoso Teatro S. Pedro, a necessidade de um piano, decente para concertos em Espinho (mesmo para aqueles simples acordes que acompa-

nharam os recitativos) e de uma sala de espectáculos para a Cidade, pensada e construída por profissionais de acesso livre a toda a população. Sonhos impossíveis?

A ópera em si foi um espectáculo agradável de seguir e, independentemente das críticas que se lhe possam fazer, foi um passo sério, dado por profissionais da Arte Norte-nha que, lutando cada vez mais com falta de apoios da parte das autoridades, conseguiram pôr em pé esse velho sonho perseguindo pelo casal Arglebe (Gunther Arglebe e Annerose Gilek, respectivamente, directores musical e vocal). E estamos lembrados de um concerto integrado nos malogrados Festivais de Música da Academia em que foram apresentados pelo Circulo Portuense de Ópera vários extractos de óperas, sem encenação, comentados por Gunther Arglebe, director então do CPO. Essa «semente», após longa maturação, desobrochou em boa hora em «La Cambiale di Matrimonio», de Rossini, que vimos na quarta-feira. Que o SOOM e o TEAR

possam manter por longo tempo esta actividade agora iniciada, são os nossos desejos.

Do espectáculo, uma ópera-burra (de argumento leve e divertimento) de Rossini, queríamos destacar a actuação de Rosário Ferreira, a encenação de Castro Guedes, os cenários e figurinos de Moufa Pinheiro e a direcção de Gunther Arglebe. Uma palavra ainda a enaltecer o papel da Orquestra do Porto que, através de tantos obstáculos que se põem à sua actividade, mantém firme a sua dignidade profissional, e o trabalho do professor Ramon Miravall, excelente elo de ligação entre a SOLVERDE e a Orquestra para organização de concertos em Espinho, patrocinados pela concessionária do Casino.

Para terminar, uma pergunta: ao condicionar a entrada a convites, conforme foi anunciado, o objectivo da SOLVERDE era limitar o número de espinhenses que assistiram a este espectáculo àquele que esteve presente inferior a meia-sala?

último fôlego» a crítica é favorável, nomeadamente em relação aos actores Richad Gere e Valerie Kaprisky. Naturalmente que os elogios vão também para a realização de Mc Bride.

De 12 a 14/6
«FIREFOX»

Int. M/ 13 anos
Mais uma acha americana para atizar ainda mais a fogueira duma guerra que cada dia que passa menos fria se torna. Um filme «de aventuras» ao estilo yankee, realizado e tendo como actor principal o famigerado Clint Eastwood, «Firefox» é mais um exemplar daquelas histórias quase de «cordel» onde «os bons» derrotam, implacavelmente, «os maus». De forma que o nosso conselho é só um — ignore, pura e simplesmente estes vastos metros de celulósido.



De 8 a 11/6
«O ÚLTIMO FÓLEGU»

M/ 16 anos
Este filme, realizado nos Estados Unidos por Jim Mc Bride é uma adaptação livre de «O acochado» de Jean Luc Godard, e tem o seguinte argumento: um jovem, já com cadastro, vê-se fortuitamente envolvido no assassinio de um polícia. Tentando reatar uma ligação com a namorada será levado a uma fuga incontada que acabará de uma forma fatal. Em relação a «O

ESTA CIDADE

UMA HISTÓRIA AMARGA

Foi no dia 21 de Maio passado. Um dia como os outros para toda a gente menos para Manuel de Oliveira Ferreira, que nele decidiu pôr termo à vida. Veio da Tabuça, onde residia, para esperar o comboio na passagem de nível

da rua 33. Com uma perna amputada e em estado de coma, recolheu ao Hospital de Espinho, e deste ao St.º António, onde veio a falecer. Num dia como os outros, para quase toda a gente.

O INSÓLITO TAMBÉM ACONTECE

Imagine que alguém plantava um bambú na banheira. Ou bróculos no Parque João de Deus. Ou um bosque de abetos na ponta do esporão das obras de defesa da costa. Ou ainda cogumelos venenosos na linha do caminho de ferro.

E claro que nada disto aconteceu. E as palmeiras

que medraram nos vasitos atrofiados que limitam o «ex-picadeiro» da Avenida 8, ali surgiram por mero designio da insondável Mãe-Natureza. A atribuição de responsabilidades a algum esclarecido autarca não passa de um pérfido boato ao serviço sabe-se lá de que forças obscuras...

PROSSEGUINDO COM AS AVENIDAS...

...parece que a divisória da 24 está condenada a ganhar melhor aspecto. Com efeito, há uma deliberação camarária nesse sentido, e do seu cumprimento deram execução alguns trabalhadores que iniciaram já as obras. Depois de convenientemente ajardinada, a di-

visória promete melhorar significativamente a estética do lugar, isto, claro está, se ninguém ali instalar uma plantação de fiar-brê ou de outra coisa qualquer menos própria em matéria de canteiros e jardins.

O LIONS CLUBE E A CULTURA

Não tem nada a ver com o Sporting, nem com o jardim zoológico. Os leões são outros, e vão organizar uma «Noite de Artistas de Espinho». Vai ser no dia 30 e tem como um dos seus objectivos «revelar novos talentos e estimular a cria-

tividade e a dedicação daqueles espinhenses que sentem inclinação pelas coisas do espírito e da arte e da música».

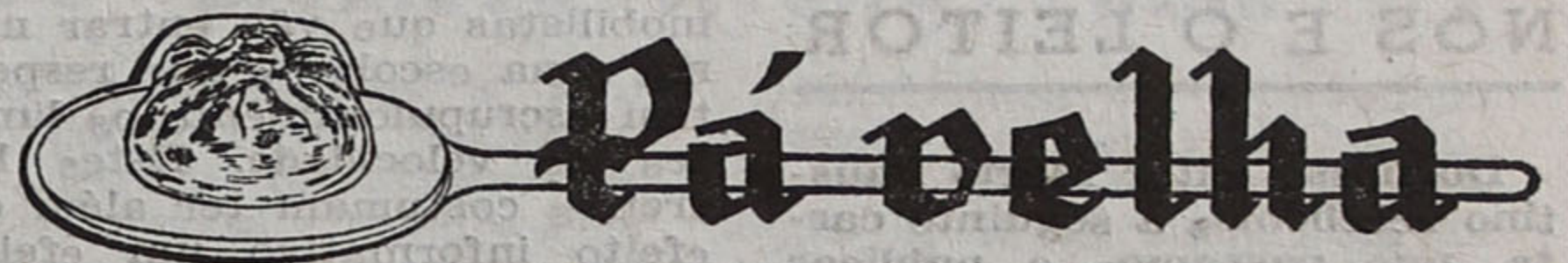
Ficamos, cheios de curiosidade, à espera do programa.

EM QUE SE FALA DE NOVOS COLEGAS

Fazer jornais é sempre difícil, sejam quais forem as suas ambições ou a sua dimensão. Mas há sempre quem os faça, com gosto e prazer. Desta vez foram as

crianças do ATL do Infância Jardim de Infância «Costa Verde». Já vai no seu segundo número, e esperamos que para continuar por muitos mais.

A SUA CONFEITARIA



UMA EXIGÊNCIA EM QUALIDADE

Ang. das Ruas 16 e 23 - Tel. 722514 - 4500 ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO

Telef. 720091

Mopira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º

Telefone 721014

E S P I N H O

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas

e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

FERNANDO
RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARATI, etc.

Pavimentos para cozinhas e casa de banho, Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

COMÉRCIO LOCAL:

Horários mantêm-se

A Câmara Municipal de Espinho decidiu manter o regime horário que até agora tem vigorado para os estabelecimentos comerciais da cidade. Este, na nossa óptica, o assunto mais importante que foi motivo de deliberação na sessão do Executivo Municipal da passada sexta-feira.

Um outro assunto que viria a merecer alguma polémica, foi o pedido do Oporto Golf Club para a construção da sua nova sede social. Como é do conhecimento geral, a construção desta nova sede, será financiada com os 37 mil contos ilegalmente desviados pelo Secretário de Estado do Turismo e que eram pertença do Concelho. Ainda na sessão anterior foi discutida e rejeitada, uma proposta do vereador da APU que protestava contra este desvio e apontava uma série de acções no sentido de se repôr a legalidade.

COMERCIO VAI TER O MESMO PERIODO DE ABERTURA

A regulamentação do período de abertura e fecho dos estabelecimentos comerciais é agora da competência das Câmaras Municipais. Agindo de acordo com a lei que o estipula, o Executivo Municipal debruçou-se na última sessão camarária sobre este assunto vindo a deliberar, com os votos contra de Valdemar Martins e José Fonseca, pela manutenção dos mesmos horários que até agora têm vigorado para o comércio da cidade. Aliás, a Associação de Comerciantes de Espinho e o Sindicato dos Empregados de Escritório e Comércio de Aveiro tinham manifestado essa opinião em reunião realizada com a Câmara, e à qual já nos referimos em edição anterior.

Apenas Valdemar Martins e José Fonseca se mostrariam contrários a esta deliberação. Para o Vereador da Cultura, «Espinho está apontado para

o desenvolvimento turístico e os estabelecimentos comerciais devem apontar para isso». Valdemar Martins consideraria ainda que «os estabelecimentos de consumo corrente devem ter um horário mais alargado». Rolando Sousa, por seu lado diria que «os horários se devem manter conforme dese-

Planeamento Urbanístico, «uma alteração do Plano existente». Refira-se ainda que o terreno onde o Oporto Golf Club quer construir a sua nova sede pertence aos militares. No entanto, estes parecem autorizar a construção embora impondo algumas condições sobre o tipo de construção; uma delas é ser pré-fabricado.

Casal Ribeiro mostrou-se contrário à deliberação do Executivo, «pedir alteração do plano», por «entender que o assunto merecia ser melhor estudado até porque não se sabe as implicações totais ao plano aprovado, e ainda porque no meu entender qualquer proposta de alteração desse Plano de Urbanização só devia ter lugar depois de consultados os órgãos autárquicos que o aprovaram, como a Junta e a Assembleia de Freguesia de Paramos, bem como a Assembleia Municipal». Artur Bártolo viria a propôr «que se iniciem negociações com o Oporto Golf Club no sentido da cedência dos terrenos onde se encontra localizada a sua actual sede logo que os mesmos sejam libertados». Também Carvalho e Sá, que não gostou nada das palavras do vereador da APU, fez uma declaração para a acta: «votou a favor na convicção de que não pus em causa o espírito da aprovação do referido Plano, na medida em que na altura da sua aprovação, já nós (órgãos autárquicos de que fazia parte) preconizávamos alterações de obras que viessem a dar maior embelezamento aquela zona, considerada de alcance turístico. Por isso, a minha votação não teve em conta minimizar ou desprezar os órgãos autárquicos».

Também, ainda no período de discussão de obras, os Bombeiros Voluntários de Espinho viriam aprovado um aditamento ao projecto para o aumento e transformação da sua sede, no ângulo das ruas 16 e 27.



reunião da câmara

jo da Associação de Comerciantes e do Sindicato». Casal Ribeiro é da mesma opinião, porque para si, acima de tudo «deve-se defender o princípio da semana inglesa».

OPORTO GOLF CLUB APRESENTA PROJECTO PARA NOVA SEDE

Ainda no período de obras viria a ser discutido um projecto para a construção do Oporto Golf Club para a edificação da sua nova sede. No entanto, e conforme salientaria a informação da Repartição Técnica, existe um plano superiormente aprovado para o local que integra a sede do Golf. Contudo, eles pedem a sua construção em terreno situado mais para sul, o que irá exigir uma alteração ao plano existente. O chefe da RT diz que essa hipótese se pode levar em conta se houver uma expansão dos campos, para o lado sul.

Perante esta informação, Artur Bártolo viria a propor a solicitação à Direcção de

fais, avisando os srs. automobilistas que vão entrar numa zona escolar e que respeitem escrupulosamente os limites de velocidade. Estes letrados costumam ter além do efeito informativo um efeito dissuasor perante aqueles condutores mais renitentes em respeitar os sinais, como já tive oportunidade de verificar, numa povoação onde aparece

um grande letreiro, em jeito de aviso ou em jeito de ameaça com os dizeres «Cuidado com os nossos filhos».

Creio que não irá exigir grande dispêndio isto que proponho e pode evitar alguma desgraça a tempo. Não deixem cair este aviso em saco roto e «Cuidado com os nossos filhos».

MARIO FAUSTINO

UMA CARTINHA «INTERESSANTE»...

Do Coordenador Distrital do Porto da JMNR, Francisco Serrano Socorro, recebemos uma carta respondendo ao artigo «Fascistas à solta na Manuel Laranjeira», publicado no nosso jornal de 17/5/84.

Estranhamente, a carta não vem assinada em nome da JMNR, como competia, mas a título pessoal do seu coordenador... a não ser que ele seja toda a organização.

Os requisitos da lei de imprensa não são cumpridos, embora sejam razões de espaço (a carta tem quatro páginas dactilografadas!) que nos levam a apresentar apenas um resumo. O que não foi fácil de conseguir já que a missiva nada diz de novo e utiliza os argumentos de sempre, ou seja, os de há 58 anos.

De qualquer forma, encerramos definitivamente este assunto com a breve resposta que enviamos ao autor da carta.

Da carta destacamos os seguintes pontos:

1 — «Não imitamos ninguém (...). Em que se baseia o ilustre articulista para afirmar que não temos ideias próprias sobre as coisas?»

2 — «Com efeito, caíram centenas de milhares de Africanos e Asiáticos (...) mortos pelo MPLA, FRELIMO, PAIGC e Fretilin»

3 — «Acaso foi o Governo Português que em África, em 1961, começou os ataques às populações (...)?»

4 — «Todos os actos de vandalismo são condenáveis. Serão acaso comparáveis os casos de ataques a sedes do PCP e satélites (...) com assaltos às sedes do PPD, CDS e PDC?»

5 — «Não somos advogados da extinta AD (...)»

6 — «Haverá na URSS serviços públicos de 1.ª e 2.ª e outras classes? (...) Haverá autocarros, camionetas de carreira, Serviços Municipalizados de Água e Luz, telefones, etc. de 1.ª e 2.ª?»

7 — «Defendemos (...) um sistema Presidencialista (...). Regime (...) onde a democracia (...) é conciliável com a forte autoridade indispensável — à semelhança (...) (dos) EUA».

deixar aqui um recado aos que pensavam que o nosso artigo era sensacionalista, reportando-se a factos «sem qualquer significado». Parece que sempre teve a virtude de demonstrar que o «gato» estava escondido mas com o rabo todo de fora. Evidentemente que a ideia da dimensão que tinhamos deste grupo continua a ser a mesma. Mas existe e é quanto nos basta para estarmos alertas.

Quanto à carta curiosamente datada de 28 de Maio!, temos muito pouco para dizer. Nós defendemos a Democracia, de portugueses para portugueses, não importamos sistemas políticos. Daí que continuemos a dizer que estes «meninos» não têm ideias próprias e preferem o estrangeiro ao nacional. Se há ou não transportes de segunda na URSS é assunto que não tratamos nem trataremos neste jornal. Quanto ao país, aconselhamos uma viagem mais longa que a Avenida da Boavista ou Foz... Lembrem-se apenas nos variados preços da luz, na diferença dos comboios do Norte e Douro (p. ex.), dos telefones automáticos e internacionais e nos manuais...

Finalmente, apenas uma pergunta: porque não se referem à FNLA e UNITA? Será que estes não mataram ninguém ou tiveram medo que os fornecedores das vossas ideias não gostassem da graça?

Quanto à democracia do Maré Viva, que se apela para a publicação na íntegra da carta, sugerimos uma leitura atenta às nossas edições para verificarem que nestas páginas se tem dado palavra a pessoas dos mais variados quadrantes políticos com a condição de estarem interessados em resolver problemas o que infelizmente não é o vosso caso.

Com as nossas saudações Democráticas, contrapondo às vossas saudações Nacionalistas.

NÓS E O LEITOR

Do nosso leitor Mário Faustino recebemos a seguinte carta, que passamos a publicar na íntegra:

Só duas linhas para chamar a atenção da Autarquia para um problema que embora comezinho pode vir a acarretar graves consequências. Refiro-me concretamente à sinalização do trânsito na rua 33, principalmente da Feira para cima.

Concentra-se naquela área a maior densidade escolar de Espinho, Escolas pré-primária, primária, preparatória, Secundária e Cerci. O movimento de crianças às horas de entrada e saída é muito importante naquela zona. Apesar de a rua 33 se encontrar dentro da área urbana e sinalizada, os automobilistas não respeitam nem o limite de velocidade da zona urbana nem os sinais indicativos de aproximação de Escola, com a proverbial e habitual falta de consciência e civismo da maior parte dos automobilistas portugueses. E aqui é que reside a minha reivindicação. Que a Câmara Municipal coloque um grande painel, como já se vê em algumas localidades, com letras garra-

ISAURA
CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752
Telefone 720461
ESPINHO

NOTA DA REDACÇÃO

É na verdade um sacrifício responder a uma carta com tão grande índice de penúria ideológica. Começemos por

Restaurante ■ Snack-Bar

O PADRINHO

Av. 24 n.º 697 — Telef. 720665
ESPINHO



ESPECIALIDADES DA CASA:

- Bacalhau à Santa Eulália
- Arroz de marisco
- Cabrito assado
- Rojões à Lavrador
- Tripas à moda do Porto
- Cozido à Portuguesa
- Caldeirada de cabrito
- Chispe à Transmontana

APRECIE O NOSSO FESTIVAL DE SOBREMESAS!
GRANDE SALÃO PARA BANQUETES
ENCERRAMOS AS TERÇAS-FEIRAS PARA DESCANSO DO PESSOAL

Almoço de Confraternização de ex-Marinheiros

COM ROMAGEM AO CEMITÉRIO DE ESPINHO EM HOMENAGEM A MARINHEIROS FALECIDOS

ENCONTRO NA

PISCINA, DIA 10/6/84, ÀS 9,30 H.

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SA ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

Duas crianças espancadas pelo pai

Duas crianças de 6 e 7 anos encontram-se internadas no Hospital de Espinho, por terem sido «barbaramente espancadas» por seu pai. As crianças, segundo fontes hospitalares inspiravam alguns cuidados quando ali deram entrada tal a violência a que foram submetidas, retiraram de casa algumas moedas para poderem comprar gelados e pagar a colegas seus para andarem de bicicleta. Esta, segundo o testemunho dos vizinhos, a razão para um acto que nada pode justificar.

As duas crianças, Edgar Henrique de Amorim Figueiredo com 6 anos e Augusto César de Amorim Figueiredo com 7, residiam juntamente com o seu pai, António Manuel Simões Figueiredo de 30 anos, nas casas pré-fabricadas do programa ex-Car, a sul do Bairro Piscatório. Os seus pais encontram-se separados já há bastante tempo, vivendo o seu pai com outra mulher.

No passado dia 26 de Maio, um sábado, o António Figueiredo saiu com a sua companheira, deixando em casa as duas crianças sózinhas. Aliás esta cena repetia-se constantemente, segundo o relato de uma vizinha. Durante a tarde, o Edgar e o Augusto pegaram em 9 moedas de 10\$00 de seu pai e foram comprar gelados. Ainda com o mesmo dinheiro, terão pago a outras crianças para que estas as deixassem andar de bicicleta. «As crianças fizeram aquilo, dizem-nos

os vizinhos, porque, coitados, vêm os outros e nunca têm nada destas coisas». O pai, veio a saber do sucedido por intermédio de uma outra vizinha, e lamentavelmente não encontraria qualquer outra justificação para o acto de seus filhos. Vai daí, «mandou-os despirem-se todos e com uma correia pisou-lhes o corpo todo». Refira-se que mais tarde as moedas lhe foram todos devolvidas.

A INTERVENÇÃO DOS VIZINHOS

Os vizinhos que suspeitaram logo do que se estava a passar, ainda tentaram interceder a favor das crianças mas sem sucesso. Apenas no dia a seguir viriam a saber tudo. «Encontramos as crianças, continuam os vizinhos, e tentamos fazer com que eles nos dissessem o que na verdade lhes tinha acontecido. Tinham muito medo de falar porque o pai os tinha ameaçado se dissessem alguma coisa». Só depois de grande insistência e dos vizinhos terem visto as marcas no corpo do Edgar e do Augusto, estes se resolveriam a dizer que fora o pai que as fizera. «As crianças até nas orelhas tinham sangue pisado». E então já no domingo, pelas 16 horas, que alguém chama a polícia para que esta tome conta da ocorrência. Os agentes da autori-

dade deslocam-se ao local e conduzem as crianças ao Hospital. Quanto ao pai delas, resolvem fazer-lhe responder pelo seu acto, remetendo o caso a tribunal.

Ainda segundo o relato de várias vizinhas, esta não foi a primeira vez que o pai dos dois rapazes, e mesmo a sua companheira, lhes infligiram maus tratos. «O pai passava o dia todo fora, ficando as crianças sempre sózinhas. Elas, eram também obrigadas a fazer o trabalho de casa». Frequentavam uma escola em Anta, onde residiram antes, e «o pai não queria pedir a transferência para uma escola mais próxima». Quando não estavam na escola, andavam por ali e, afirmam-nos, «tinham mesmo fome, pois chegavam a pedir pão aos vizinhos». E isso não por falta de possibilidades porque até «ganhavam bastante bem».

AS CRIANÇAS NÃO QUEREM REGRESSAR A CASA

A mãe das duas crianças reside em Anta. Não quer tomar conta delas, porque afirma não ter condições para o fazer. No entanto, já foi visitar os seus filhos ao hospital, onde o Edgar Henrique e o Augusto César ainda se encontram. Agora, já «livres de perigo» mas com as marcas no corpo e no futuro, do vandalismo de seu pai. E por isso, estão no seu pleno direito quando afirmam não mais quererem regressar a casa. Mas talvez não tenham alternativa, já que a sociedade que os recebeu na vida, não tem estruturas para atender a casos como este. E pouco mais lhes restará do que voltar, ainda que contra a sua vontade, para junto daqueles que nunca os trataram como eles merecem ser tratados. Mas quantas outras crianças não viverão no dia-a-dia, a angustia destas duas crianças de Espinho?

Ainda a semana passada, dias depois deste repugnante caso, se comemorou o DIA MUNDIAL DA CRIANÇA. Realizaram-se algumas comemorações para as crianças e pudemos ouvir muitas palavras a seu favor. Contudo, a sua vida e o seu futuro, continuam cada vez mais sombrios.

ORGANIZADO PELA NASCENTE

Dia da Cidade vai ter Encontro de Associações

Um «Encontro das Associações Espinhenses pela Casa da Cultura», irá ter lugar no próximo dia 16 de Junho, Dia da Cidade, no Salão Nobre da Piscina. Com a realização deste encontro, a Cooperativa Nascente, entidade que o promove, pretende assim alargar o âmbito da discussão de um assunto que tanta polémica tem causado nestes últimos tempos. No entanto, o debate à volta deão momentosa questão apenas se tem limitado, sobretudo ao nível do Poder Local, pela inventariação de espaços disponíveis e possível opção entre eles. A margem, tem ficado questões tão importantes como: Que Casa da Cultura? Em que regime de funcionamento? Que ligações Associações-Casa da Cultura-Autarquia? Que política cultural para o Concelho?, por exemplo.

O encontro, que será dividido em dois períodos, o primeiro de manhã para as Associações e o segundo de tarde contando já com a presença das entidades convidadas, conta com três tipos de participação. A mais activa e influente espera-se seja a de todas as Associações e colec-

tividades, tendo algumas delas já confirmado a sua presença outra por parte das entidades convidadas, entre as quais destacamos a Direcção Geral da Educação de Adultos (Porto), Direcção dos Serviços de Animação do Ministério da Cultura, Comissão de Coordenação da Região Norte, FAOJ de Aveiro, Câmaras Municipais e Animadores Culturais que apresentarão várias comunicações ao encontro e, por último, a abertura desta iniciativa a todos os espinhenses interessados desde que para o efeito procedam a uma inscrição prévia na sede da Cooperativa Nascente. Conta-se também com o interesse participativo de todos os órgãos autárquicos locais que têm vindo a ser contactados.

Ainda relacionado com este encontro, vai realizar-se já no próximo sábado, dia 9, na Academia de Música de Espinho, uma reunião com todas as colectividades e Associações que tem em vista a definição mais pormenorizada dos moldes em que deverá decorrer este «Encontro das Associações Espinhenses pela Casa da Cultura».

1.ª Exposição de Artistas Espinhenses

A Cooperativa Nascente vai organizar com a participação de numerosos artistas a «1.ª Exposição de Artistas Espinhenses», cuja inauguração pública será levada a cabo no dia 8/6/84, pelas 22 horas, nas instalações do ex-Café e Restaurante «Onda», onde decorrerá até 24/6/84.

Serão expostas obras de mais de 20 artistas representando cerca de 60 trabalhos, destinando-se uns a venda e outros só para mostra.

Ao longo do período de exposição haverá determinadas actividades paralelas ainda sem data fixa.

- Encontro-convívio dos artistas que expõem;
- Um colóquio sobre arte;
- Um colóquio sobre Amadeu Sousa Cardoso;
- Visitas guiadas para estudantes;
- Sessão de pintura colectiva
- «Sketch» feito por alunos de Belas Artes.

NO FIM DE SEMANA

PCP promove Aveiro / Festa - 84

Nos próximos dias 8, 9 e 10 do corrente mês, a Comissão Distrital de Aveiro do PCP promoverá a Aveiro-Festa/84, no recinto da Feira de Março. Durante três dias muita coisa se passará naquele espaço, desde manifestações culturais até espectáculos musicais, exposições e intervenções políticas, passando por eventos desportivos, nomeadamente nas modalidades de xadrez, atletismo e o tradicional jogo da malha. As crianças também não serão esquecidas nesta Festa, já que elas terão um espaço totalmente ao seu dispor. O artesanato e os produtos de todos os concelhos do Distrito estarão presentes em «stands» montados no recinto, bem como restaurantes, cafetarias e adegas populares.

Em termos de intervenção política, terá lugar um Comício com Jaime Serra e um colóquio sobre as conquistas de Abril, com a participação de Zita Seabra e Carlos Carvalhas. No que respeita à parte musical, haverá espectáculos com a participação de Samuel, Luísa Basto, Janita Salomé e Vitorino, nomes que garantem uma qualidade indiscutível, para além da actualização dos Ranchos Folclóricos «As Tricanas de Ovar» e o de Sarrazola. No campo da música rock actuará o Grupo Vapor e os habituais Zés Peireiras animarão o recinto.

Amanhã, sábado e domingo, a animação cultural estará na Feira de Março, em Aveiro. E a Aveiro-Festa/84.

Vende-se

PRÉDIO DEVOLUTO COM HABITAÇÃO NO ÂNGULO DAS RUAS 1 A E 66.

Tel. 720729 a qualquer hora

Cabeleireiro LORD

RUA 19

Agradece a atenção e a colaboração dispensada pelos seus clientes e amigos de Espinho ou arredores, ao mesmo tempo que agradece a continuação da preferência pelo mesmo estabelecimento.

Um muito obrigado Fausto e Manuel

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef 722739

ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO RUA 19 N.º 294 ESPINHO

Entrevista com José Hermano Saraiva

continuação da última página

beleza estilística, sem terem tentado interferir na mensagem, no conteúdo de factos que eles nos pretendem transmitir.

Isto levou a uma reconstrução total da vida de Camões, que é assaz diferente do que uma história baseada apenas em fantasias nos tinha feito acreditar, e que tem isto: explica a totalidade dos poemas líricos; não há nenhum poema que resulte hermético ou que deixe de falar perante nós.

Sei que algumas pessoas pretendem que essa interpretação biográfica da poesia de Camões de certo modo a vincula a uma existência pessoal e portanto lhe tira o que ela teria de Universal. Pelo meu lado penso que não. Pelo meu lado nós estamos agora a ler Camões sabendo quais eram as dores concretas, as ansias verdadeiras que aqueles versos exprimem, o poema assume uma intensidade dolorosa que nós não tínhamos até hoje atingido.

MV — Ainda a propósito deste assunto, ele foi apresentado pela primeira vez na cidade de Mirandela. Sente alguma diferença de receptividade e interesse por assuntos deste género entre uma zona de interior como aquela e uma zona do litoral, como Espinho?

JHS — Não se pode dizer isso porque, em termos de receptividade, o que se sente em ambos os casos é uma atmosfera hospitaleira e amiga. Sobre o interesse nestes assuntos, não posso esconder que me impressionou a forma como, quer em Carraceda de Ansiães, quer em Mirandela, o público — durante mais de uma hora, em salas cuja lotação estava muitas vezes excedida — seguiu as exposições com uma atenção apaixonada que realmente me surpreende profundamente.

Vi que a avidez e a apetência dessas regiões, que estão a pagar um preço amargo de isolamento, é tão grande que compensa a fadiga que porventura possa haver numa deslocação dessas.

Fadiga que não escondo e que é uma realidade pois são localidades que ficam muito distantes de Lisboa.

A conclusão a que eu cheguei não foi a de que o pão fosse bom, mas foi a de que a fome era muita.

OUTROS «CANTOS» DA VIDA

O historiador antes de mais é um homem e cidadão.

Ainda que o tempo fosse escasso, não deixámos de fazer algumas das muitas perguntas ao Prof. José Hermano Saraiva que tínhamos na «manga» e

cujas respostas nos dariam a conhecer um pouco mais outras facetas do seu pensamento e da sua vida.

MV — Pratica desporto? Tem ou teve alguma preferência nesse campo?

JHS — Já não! Já não... Aliás, a vida e o ensino das letras e o muito trabalho nunca me permitiram ser um bom desportista.

Em todo o caso, como toda a gente, eu gostava de praia, gostava de nadar... Na minha juventude, o campismo foi uma das grandes seduzções; fiz explorações de cavernas, percorri as ladeiras da Serra da Estrela...

Agora desde que comecei a trabalhar e sobretudo desde que me pegou esta verdadeira paralisia que é o automóvel, não se dá um passo. Eu estou aqui, a trezentos quilómetros de casa e ainda não dei cinquenta passos a pé! O automóvel vitimou-me. Aliás, é um dos instrumentos que está a provocar a degenerescência da raça masculina!

MV — Vamos arriscar uma pergunta de resposta incerta. Como costuma ocupar os seus tempos livres?

JHS — Não tenho!

MV — Gosta da programação da RTP, considerada na globalidade ou entende que deveria ter outras características?

JHS — É melhor do que a maioria da programação dos países que conheço.

Não é tão boa como gostava que fosse porque num país que tem efectivamente um «handicap» cultural imenso como é o caso de Portugal, a televisão representa um meio único para a recuperação de tempo perdido e penso que esse meio não é porventura utilizado, com esse objectivo, com a intensidade com que eu gostaria que fosse.

Não queria, nem de longe, que isto parecesse uma insinuação no sentido de que a televisão deve reforçar a programação chamada cultural. A televisão destina-se a ser vista na sua grande maioria, por pessoas que têm na pele muitas horas de trabalho e portanto, ir perturbar o sossego, o direito ao legítimo repouso das pessoas, ainda com novas lições, parece-me ofensivo e indiscreto.

A distinção que se costuma fazer entre programas recreativos, culturais e informativos, isso é que tem de ser corrigido e temos que encontrar uma programação que tenha simultaneamente essa tripla-valência, algo que goste de se ver como um espectáculo apaixonante mas que deixe uma semente de interrogação, uma raiz de cultura que fique a viver na mente do telespectador.

Reconheço que não é fácil encontrar esses caminhos, mas tenho esperança em que os responsáveis pela nossa televisão não desistirão de algum dia os procurarem.

MV — Já que estamos a falar de televisão, recordamos a série de programas sobre História que aí apresentou. E acentuamos uma obra sua bem conhecida — «A História Concisa de Portugal» — A que se deve o êxito desta obra, que conta já com várias edições e muitos milhares de exemplares vendidos?

JHS — A História Concisa não é uma História inventariante; é uma História explicativa.

As pessoas não encontram lá factos mas linhas lógicas que articulam o passado com certos eixos problemáticos e essa é a razão do seu êxito porque, enfim, foi possível num espaço de tempo de leitura curto as pessoas levarem eixo de explicação, até uma relactiva profundidade que respondem a alguns dos porquês que formulam.

Suponho que é isso e também o facto de eu hoje não ser um estranho para um grande número de portugueses que fizeram comigo uma boa camaradagem através do ecrã da televisão.

MV — Aliás, continua a manter contacto com muitos ouvintes através de um pequeno apontamento na rádio...

JHS — Pediram-me para fazer um apontamento. Eu acho que sim, que o encontro das pessoas umas com as outras é importante. Isso tem muito interesse e faço com muito gosto.

DOS BONS E DOS MAUS

Por esta altura da entrevista já a atenção se prendia nos ponteiros do relógio... O nosso entrevistado fizera a viagem de Lisboa até Espinho, depois o almoço e quase de seguida o colóquio na Secundária M. Laranjeira, findo o qual veio esta entrevista, sem jantar e com o tempo em contagem decrescente para a palestra da noite...

Evidentemente, avançámos com as últimas questões.

MV — Há uma pergunta que não queríamos deixar de lhe fazer. Foi Ministro da Educação num período conturbado da vida académica universitária. Refiro-me a 1969. Hoje, como historiador, qual a análise que faz desses acontecimentos?

JHS — Foi um período de contestação juvenil construtiva que nem toda a gente respeitou.

Houve efectivamente pessoas que tentaram mobilizar em seu proveito, com objectivos que nada tinham com a juventude nem com o tempo presente, essa dinâmica juvenil que vinha desses acontecimentos.

Devo dizer que não estou a falar de vagas hipóteses conjecturais, mas de factos concretos. Eram pessoas de cabelos brancos as que estavam por detrás da actividade desencadeada pelos jovens, em cujas faces, de muitos, o buço mal apontava.

Esta especulação é triste e revela uma possibilidade de manusear e de instrumentalizar coisas que são, em si mesmas, valiosas e que não devem servir de instrumento a ninguém.

Fora disso, só encontrei na juventude generosidade, entusiasmo, optimismo, e em muitos dos jovens de então tenho os meus melhores amigos de hoje. Penso que os jovens dessa altura portaram-se bem, como era de esperar que se portassem.

MV — 25 de Maio de 1773, 25 de Maio de 1984, 221 anos depois da abolição da distinção entre Cristãos Novos e Cristãos Velhos, acha que os portugueses já perderam o mau hábito de estarem sempre a criar distinções entre si?

JHS — Não. Infelizmente não. Um maniqueísmo plebeu e primário continua a dividir-nos. Continuamos a ser uns os bons os outros os maus; e uns temos toda a razão e queremos o futuro e o melhor para os portugueses, os outros são uns traidores, são uns corruptos, são uns devassos e infelizmente continua toda a gente a pensar assim.

A ideia de que somos todos pão da mesma massa... não vale a pena falarmos muito em defeitos, todos os comunhamos e as qualidades, se as temos, também são de todos. Uma solidariedade na responsabilidade colectiva, isso ainda nos não penetrou.

E é bem possível que isso venha desse tempo em que os portugueses, uns se ocultavam — ocultavam a sua cristãnoviça, como um pecado de que se envergonhavam — e outros apontavam o Index ma-

gstral acusadoramente como se tivessem o direito de julgar alguém. Acho que a resposta está na Bíblia: «não julgareis para não terdes de ser julgados, porque com a mesma medida com que julgardes vos julgareis».

MV — Para terminar e se à História acaso cabe um papel importante na aproximação dos portugueses, que conselho deixaria à juventude em geral e particularmente, aos novos investigadores da História?

JHS — Que não se deixem envelhecer!

A mensagem terá o alcance e significado que cada um quiser. Coube-nos registá-la, para que sobre ela possa reflectir quem o entender.

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidades em arroz de marisco, Caldeirada e todos os géneros de Petiscos
Bons Vinhos - Bom Ambiente
R. 2 n.º 1413 — ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:
Rua Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO
Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964
4500 ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:
Rua 19 n.º 401-1.º
Telefone 720093
ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 723299

A MODELAR

Telefone
723068
Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO
Aviamento rápido de receitas
de óculos com descontos das
Caixas de Previdência

VISTA-SE A SI E À SUA FAMILIA COM
Crédito Gratuito
RAICA
PRONTO A VESTIR — HOMEM E SENHORA
RUA 62 — 101 TEL. 722896 4500 ESPINHO

SNACK-BAR
MARISQUEIRA
RESTAURANTE
"SEREIA"
Av. 8, 702 — ESPINHO

Rui Abrantes
ADVOGADO
Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3
Telef. 723811 — ESPINHO

Milton Pinho
Glória Rodrigues
SOLICITADORES
RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

Manuel Correia
da Silva
ADVOGADO
Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46
Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

HÓQUEI EM CAMPO DA A. A. E.

UMA BOA PRESENÇA EM MADRID

No passado fim de semana, em Madrid, a equipa de Hóquei em Campo da Académica de Espinho rubricou uma excelente presença no V Festival Fim de Tempora, organizado pelo Club de Hóquei San Miguel, com o patrocínio da Federação Espanhola de Hóquei em Campo. O balanço final desta presença espinhense em Espanha é francamente positivo, em todos os campos, como no seguimento desta pequena crónica se verá.

As deslocações deste tipo têm sempre as suas pequenas peripécias — as «bocas» que saem no autocarro durante as longas horas de viagem, as «aventuras» mais ou menos rocambolescas (ou ninguém) de alguns elementos da comitiva, etc. etc. Não é isso a que nos referiremos neste espaço. Até porque todos aqueles que, em qualquer altura tenham participado em deslocações deste tipo sabem que... é quase sempre o mesmo: o que é preciso é fazer, duma ou doutra forma, com que o tempo pareça mais curto.

DE MADRID A SOMONTES

Doze horas de autocarro são, já de si, penosas. Mas doze horas de mini-autocarro como é o da AAE... Mas, eis Madrid, as confusões de saber onde fica o Hotel e, finalmente, a instalação da (cansada) comitiva. Daí aos «comes» foi um saltinho, porque nós, portugueses, podemos estar cansados para tudo, menos para dar ao dente. Depois, a «exploração da área a bater». Tudo dentro do normal em casos idênticos. Para alguns, a excitação da primeira saída fora das fronteiras e o deslumbramento duma grande cidade. Para outros, a tentativa de manter os «noviços» dentro dos limites normais da descoberta... Finalmente, a recolha aos quartos e o descanso aos rins, tão maltratados durante os seiscentos e tal quilómetros. Até amanhã ou até logo...

9,30. Vamos para o Complexo Desportivo de Somontes, que se faz tarde. Comontes fica nos arredores e é uma autêntica cidade-satélite totalmente virada para o desporto. Durante cerca de cinco km. são «courts» de ténis inumeráveis, campos relvados de futebol, quadra de pelota basca, piscinas, circuitos de manutenção,

uma autêntica alcatifa, onde jogar hóquei é como jogar bilhar. Uma confortável bancada, um pavilhão coberto e quatro torres de projectores completam este cenário. Impensável, (por enquanto?) neste nosso País. No entanto, bem demonstrativo de que há países e países, e há formas e formas de encarar o desporto. Somontes é um espectáculo!

Depois... o primeiro jogo. Para apreciação deste e dos restantes jogos ver caixilho à parte. (Nota do repórter). Novamente o regresso a Madrid e o costumeiro tempo livre para os «recuerdos» e para o re-

conhecimento do centro. As escadas rolantes do «Corte Inglés» a funcionarem para que o pessoal academista vá gastando a pesetas ou... os olhos. Seis da tarde e o regresso a Somontes, para o 2.º jogo. De má memória, acrescenta-se. Finalmente a noite, o regresso à cidade grande e à sua (re)descoberta. As campainhas a tocarem nos quartos dos companheiros conhecidos (só para chatear, não é?), as cartas jogadas (porque hoje é sábado), as cervejas e «Cubas livres» bebidas (porque hoje é sábado) e o deitar tarde (porque a comitiva é amadora, ora essa!)

O DOMINGO E... A ORGANIZAÇÃO

9,30 (mais uma vez). Dois jogos quase seguidos esperam a Académica. Um domingo de luxo! Duas vitórias sensacionais e totalmente merecidas. Começo a pensar que, quanto menos se descansa, mais se joga! Sem ofensa. Depois... o regresso, penoso, chuvoso, ventoso e... moroso. Mas, sem dúvida, um regresso feito à base de uma satisfação pelos resultados obtidos e, mais do que isso, pela certeza de uma boa representação do hóquei em Campo da AAE e de Portugal. Eram cinco da manhã de segunda-feira e... estávamos de regresso à base.

Muitos, muitos quilómetros tinha percorrido a comitiva espinhense.

Muitas e muitas coisas tinham ocorrido desde aquelas oito horas da manhã de 6.ª feira, primeiro dia deste mês de Junho. Mas uma delas quisemos fixar aqui — o desinteresse quase absoluto dos elementos responsáveis pela Organização do Torneio em relação aos espinhenses. Se fosse ao contrário, temos a certeza que a AAE se teria multiplicado em esforços de bem receber, em programas oficiais, em ofertas. Em Madrid? Nada. Tirando o tal «convívio» em que a comitiva de Espinho foi «brindada» com uma suculenta refeição (?) composta por um «bocadillo», duas ou três rodelas de chouriço assado e um «pincho», além de uma muito laxativa sangria, nada mais houve... A costumeira amizade de «nuestros hermanos», não é?

recintos de «squash», e... ali pertinho do palácio de Zarzuela, residência oficial do Rei de Espanha, o espectacular Campo de Hóquei! Falámos, no nosso último número, em relva sintética. Aqui nos penitenciámos do erro. Não é relva. E

BREVE RELATO DOS JOGOS

Nos quatro jogos disputados, a Académica apresentou a seguinte equipa-base:

Alves; Meneses, Albano, Jesus e Beto; Alexandre, Catarino, Miro e Vieira; Oscar e Magano. Foram utilizados em todos os encontros, Neto, Justino, Armando e Pinhal.

AAE, 1 — SAN MIGUEL, 1

Um jogo muito equilibrado, com dois períodos algo diferentes. No primeiro quarto de hora, domínio espinhense, culminado aos 6 m. com a obtenção de um golo. Na meia hora seguinte, o jogo repartiu-se por ambos os campos, para novamente a AAE voltar ao de cima nos momentos finais da partida. Um empate justo.

AAE, 0 — SAN PABLO, 8

Fim de tarde de sábado negro! Confrontados com uma tática sui-generis utilizada pelo San Pablo (vice campeão de Madrid e a melhor equipa presente neste Torneio) os academistas não tiveram soluções para a autêntica cavalgada madrileña. Pese embora uma má e tendenciosa arbitragem, a verdade é que contra a força não há resistência. Para esquecer, o resultado. A não esquecer a excelente equipa espanhola.

AAE, 3 — G. D. COVADONGA, 0

Fácil esta vitória frente à mais frágil equipa do Torneio. Quase sempre ao ataque, a Académica marcou logo aos dois minutos, e só no final do 2.º tempo concretizou, com dois golos a sua nítida superioridade. Um resultado moralizador para o último encontro.

AAE, 1 — POLARIS, 0

No segundo jogo, quase seguido ao anterior, os hoquistas academistas deram um excelente exemplo de espírito de sacrifício. A vitória tangencial sobre o Polaris de Málaga (uma equipa muito dura) foi absolutamente merecida e duramente conseguida.

ESPINHO, 3 — VARZIM, 2

Continua a boa carreira do Sporting de Espinho neste Torneio Complementar. Domingo passado, mais uma vitória, esta algo difícil, frente a um Varzim que apresentou quase toda a sua equipa principal. O SCE, por sua vez, fez mais uma vez a aposta no «produto caseiro». Desta vez, jogaram cinco homens feitos em casa...

O encontro de domingo, pese embora o mau estado do tempo (e, consequentemente do

relvado) foi agradável de seguir, não só pela marcha do resultado como também pelo empenho posto na luta por ambos os conjuntos. Ora, factos como este são sempre de realçar, principalmente em final de época, quando, teoricamente, as equipas já se deveriam ressentir do esforço de muitos jogos.

Com este resultado, o Espinho mantém-se no comando da zona norte e, com o ataque

mais realizador — oito golos em três jogos!

Sob a arbitragem de António Costa, de Viana do Castelo, o SCE alinhou do seguinte modo:

Ricardo; Jaime, Valério, José Augusto (Vivas, na 2.ª parte) e Vieirinha (Vitor Manuel, aos 62 m.); João Carlos, Carvalho e Manuel Jorge; David, Mória e Amílcar.

Marcadores — Mória, Amílcar e João Carlos.

GINÁSTICA

Susana Cruz A. A. E. Campeã Regional

Com a participação das equipas da AAE, Boavista, F. C. Gaia e F. C. Porto realizaram-se na passada semana os Campeonatos Regionais de 4.ª categoria de Ginástica Rítmica Desportiva, no Pavilhão das Antas. Susana Cruz, da Associação Académica de Espinho sagrou-se campeã regional da

modalidade, ao alcançar o 2.º lugar em movimentos livres e o 1.º em Bola. Na classificação geral Mónica Nascimento e Sandra Pereira, também da colectividade espinhense classificaram-se respectivamente em 4.º e 6.º lugares.

Entretanto, nos regionais de 3.ª categoria, no escalão ju-

nior, disputados no ginásio da Escola Secundária de Espinho, o comportamento das ginastas academistas foi menos brilhante. Assim, Rosário Alves, Rosário Pereira e Gabriela Sousa obtiveram, respectivamente, o 10.º, 11.º e 16.º lugares da classificação geral.

BANCADA DE IMPRENSA

«Les Portugais sont toujours gais!». Esta uma das frases que corriam nas trincheiras francesas durante a 1.ª Grande Guerra. Isto, queria dizer que os portugueses estão sempre contentes e alegres, explicação necessária para aqueles leitores do «Maré Viva» pouco enfiados na belíssima língua de Molière, Racine e, também do «leur ami Miterrand». Por «leur» entenda-se dele, Mário Soares, Primeiro-Ministro português que afirmou não haver fome neste país... Adiante, que isto é uma coluna de Desporto e não de «Política»...

Pois esta introdução vem a matar em relação à carreira da Selecção Nacional Junior de Futebol que foi afastada do Mundial na URSS. Ganhou-se 3-1 à Grécia, e depois perdeu-se com a Escócia (1-3) e com a Irlanda (2-3). Era uma equipa cheia de vedetas! Futre, Litos, Samuel, Sérgio, Júlio Sérgio, etc., etc., etc. José Augusto, o responsável máximo, e todos os outros elementos, que faziam parte da Selecção respiravam optimismo por todos os poros! Eram favas contadas, ou pouco menos que isso. Então, quando o seleccionado escocês perdeu com a Irlanda enquanto que os «Patriciozinhos» bateram a Grécia... estava no papo!

Só que, a seguir, as vedetas lusas levaram no toutineiro, apesar de todo o optimismo (balofo) de José Augusto. Adeus, Chile! A verdade é que, pela boca morre o peixe. Moderação nas palavras é o que se exige em relação à campanha dos seniores que começará no dia 14, no Europeu. Para que, depois, em caso de falhanço, ninguém os possa acusar de terem passado férias na luxuosa Pousada de Palmela...

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

VISTA OS SEUS FILHOS NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

A. Moreira da Costa

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218

2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695

3.ª feira

EM TORNO DA HISTÓRIA

JOSÉ HERMANO SARAIVA AO «MARÉ VIVA»:

«MANIQUEISMO PLEBEU E PRIMÁRIO CONTINUA A DIVIDIR-NOS»

Evidentemente que as nossas perguntas se orientaram para os assuntos ligados à História. Impunha-se que perante um historiador não conhecido e ouvido (com agrado e interesse, registre-se) pelo grande público, procurássemos descortinar algumas das razões que justificam aquele factor.

Não esqueçamos porém outros assuntos acerca dos quais nos pareceu ser interessante ouvir a opinião do nosso entrevistado.

Tomámos apenas a liberdade de alterar a sequência das respostas de forma a agrupá-las por assuntos, facilitando a leitura desta entrevista.

MV — Tem-se demonstrado um grande divulgador da nossa História. As pessoas dizem de si — «entende-se facilmente». Significará esta constatação que existem linguagens para falar de História: uma «Erudita» e outra «Popular»?

JHS — Quando a dificuldade intrínseca e autêntica de um problema nos preocupa, a nossa preocupação fundamental é de o clarificar.

Creio que daí se pode inferir que, quem apresenta um problema em termos simples é porque lhe pressente a dificuldade e inversamente, quem consegue apresentar um problema em termos nebulosos, complexos, de difícil comunicação, isso significa que está convencido de que esse problema é intrinsecamente simples e pretende de alguma maneira debelar aos olhos do seu dialogante o que poderia parecer uma penúria ideológica.

Todas as pessoas com algum sentido da responsabilidade cultural que é a transmissão duma mensagem de cultura, que têm passado pela História, se têm preocupado com a simplicidade.

Não é por acaso que os maiores cultores da História Portuguesa são simultaneamente das grandes figuras literárias e das que conseguiram com as suas obras uma mais extraordinária difusão no seu tempo. Recordo simplesmente os nomes de Oliveira Martins ou de Alexandre Herculano.

Claro que também há sempre aqueles que julgam que o neologismo, a palavra rebuscada, conseguem criar uma densidade problemática que deslumbra. O exemplo mais recente disso o público português encontra-o naquele coronel que governa como perfeito na cidade de Supupira.

O estilo «sucupirano» é um excelente exemplo. Estou a citar uma produção feita fora de Portugal, mas devo dizer que o «sucupiranismo» corresponde a uma atitude mental muito generalizada. Uma atitude que tem um pé assente no snobismo e o outro num novo ruptismo cultural que me parece um dos piores vícios que nós temos de dominar.

MV — Aos estudantes que o ouviam na Escola Secundária Manuel Laranjeira procurou demonstrar que falar de História não é tão fácil como parece. E investigar sobre História, será fácil?

JHS — Não se pode dizer que seja difícil neste sentido: as fontes existem, quem tiver tempo — muito tempo! — pode consultá-las.

Mas vou dar um exemplo muito específico, objectivo e concreto. Como se sabe, todos os actos públicos, diplomas emanados das chancelarias públicas a partir de D. Pedro I ficaram registados em grandes códices de pergaminho que felizmente escaparam ao terramoto (1755) e chegaram até nós. São as chamadas Chancelarias e contêm o núcleo mais importante de documentos para a História de Portugal.

Pois bem, as Chancelarias estão inéditas!

É absolutamente inacreditável que isto seja possível e portanto para uma pessoa ter acesso às Chancelarias tem duas barreiras a vencer: primeiro, as chancelarias estão em Lisboa e nas bibliotecas locais não existem sequer reproduções fotográficas — os livros nunca foram fotograficamente reproduzidos; segundo, mesmo que o fossem, seria difícil para o leitor que não tenha feito uma preparação em Paleografia, que não tenha um curso especial de leitura, porque aquela letra não é acessível a qualquer leitor.

Isso fecha imediatamente a consulta a núcleos muito restritos de especialistas.

Nesse sentido, na acessibilidade das fontes, não se pode dizer que se tenha avançado muito.

Bem sei que é um trabalho monumental, para uma geração inteira de historiografos, mas esse trabalho tem de começar.

Enquanto não estiver feito as pessoas repetem-se. Na nossa História, ler um autor é ler uma dúzia ao mesmo tempo... E por famílias, dizem todos depois a mesma coisa, repetem-se incessantemente e pior do que isso, essa repetição incriticada e realmente submissa do que dizem as «autoridades» acaba por criar um clima hostil ao enunciar de qualquer coisa nova.

O inovador é logo apostrofa-do de inconoclasta, de perturbador, insubmisso, polémico.

As pessoas estão habituadas a repetir um certo número de coisas que se vão transmitindo... Há numerosas afirmações que estou convencido o grande Herculano escreveu apenas neste sentido, — esta é a minha opinião pessoal —, no sentido de que não são as interpretações obrigatórias de nenhuma fonte escrita, mas visões carregadas de subjectividade e pessoalismo e que nos repetimos a cada passo, sem sequer citar Herculano!

Isto é, como se se tratasse de verdades pregadas aos portais.

O que digo de Herculano digo de numerosos outros escritores.

Esse clima passivo e realmente de um plagiato colectivo, obscuro e anónimo, parece que é uma coisa que é preciso corrigir. Se quisermos que haja verdadeira cultura não podemos ser meras rotativas, difundindo em muitas cópias aquilo que já está dito.

MV — Actualmente saiem por ano das nossas Faculdades várias dezenas de Licenciados em História. Pensa que será por aumentar esse número que se avançará no aprofundar dos conhecimentos da nossa História?

JHS — Penso que estamos a viver uma época de intensa curiosidade dos estudos históricos.

Isso resulta da intensificação de uma atitude existencial que é antiga: a «busca da identidade».

O problema levantar-se-à sempre e naturalmente, a História é a genealogia das Nações.

Quando uma pessoa procura quem é, é levado a sondar no seu passado raízes, problemas... até por isto: há uma atitude lógica que os latinos traduziam por um aforismo — «Post hoc, ergo propter hoc» — (depois daquilo, portanto por causa daquilo). A pura sucessão temporal dá-nos a ilusão de que traz a explicação das coisas.

Eu penso que não, que a História não explica nada. Apenas alimenta uma certa apetência cultural, uma certa curiosidade que é natural nas pessoas.

MV — Os alunos das nossas escolas fazem muitas vezes esta pergunta a si mesmo e aos seus professores: o que sente o historiador quando escreve sobre o passado?

JHS — Não posso responder senão por mim. Eu, que estou neste momento a escrever, sinto constantemente um fortíssimo sentimento de precariedade e insuficiência. Tenho nitidamente a impressão de que tenho nas mãos uma tela urdida por uma infinidade de fios de que eu apenas consigo segurar alguns.

Esse sentimento é de certo modo amarfanhante. Temos a noção de que está a empobrecer uma realidade imensamente mais rica.

Se nós sabemos que houve mais fios porque é que não os expomos todos?

Exactamente pela necessidade de simplificação. É preciso que a nossa mensagem seja de molde a poder ser entendida pelos seus destinatários. E, a complexidade do próprio tecido histórico poderia levar a níveis de dificuldade expressiva que tornariam o discurso dificilmente inteligível.

MV — Como caracterizaria o actual ensino da História nas nossas escolas, nomeadamente no ensino secundário?

JHS — Do que conheço, penso que não se têm verificado progressos. A observação, por exemplo, dos livros adoptados revela que o ensino está reduzido a termos tão sumários que me parece difícil conseguir que os jovens se interessem.

Por outro lado, não escondo que desde há muitos anos sustento que a História não deve ser uma matéria a ensinar mas uma atitude a assumir. Uma atitude de interrogação.

Isso não se consegue com livros, com páginas escritas, mas efectivamente com indagações directas, com pesquisas que em toda a parte são possíveis.

Se velhas cidades como Porto ou Braga colocam como terreno de eleição a fase medieval da nossa História, uma jovem cidade como Espinho propõe no horizonte intelectual

do aluno a época da revolução do comboio e a segunda fase do liberalismo português, período que historicamente não é menos interessante que a fase medieval.

O ensino deveria ter em atenção essa regionalização, dar uma ampla margem de liberdade ao professor para utilizar os materiais locais.

A História é isso. O estudo das técnicas, dos meios de vida, o estudo das alfaías, do trabalho. Isso é a História viva, a que pode levar o aluno a apaixonar-se e a ver que há na história uma via para a explicação.

A aprendizagem de datas, de acontecimentos, de nomes próprios, de rótulos, de fenómenos aparentes que muitas vezes só existiram na mente de quem os inventou, parece-me algo que está muito perto da pura perda de tempo.

DO INTERIOR AO LITORAL CAMÕES FOI O MOTIVO...

Uma das muitas viagens que o nosso entrevistado fez, levou-o a uma zona do interior do país, terras do Nordeste Transmontano, onde estas coisas da «Cultura» são muitas vezes novidade. Porém, o prof. José Hermano Saraiva foi a Trás-os-Montes revelar uma novidade literária que muito justamente envaldece as gentes daquela região: Camões é Transmontano!

MV — Anunciou recentemente algumas novidades sobre a naturalidade de Camões assim como a nova forma de análise da sua obra lírica...

JHS — Quanto à naturalidade, não fiz mais do que tornar conhecidos, em Trás-os-Montes, resultados de investigações definitivas levadas a cabo pelo Brigadeiro da Força Aérea, Galvão Borges. Esse oficial general, pesquisador atento e obstinado, encontrou um processo de habilitação ao Santo Ofício de um primo direito de Luís de Camões, filho

de uma irmã do pai de Camões.

Nesses processos, tinham que se expor todos os antepassados, de maneira que esse processo veio-nos dar a conhecer, de uma forma definitiva que não pode ser posta em dúvida, qual era realmente a família de Camões. Uma família transmontana, de Vilar de Nantes; mas a esse ilustre oficial se deve essa descoberta.

Quanto à interpretação da obra de Camões, parti deste princípio: Camões, em vários passos da sua obra lírica exclama, com muita comoção, que aquilo que nos diz «não são fábulas sonhadas, mas puras verdades já por ele passadas».

Creio que quando ele diz isso diz a verdade e fui ler a sua obra partindo do princípio que uma chave biográfica nos tornaria compreensíveis numerosos poemas perante os quais até hoje, todos os intérpretes se têm limitado a saborear a

continua na página 6

ESPECTÁCULO MUSICAL

SÁBADO, 9 DE JUNHO — 21,30 H.

SALÃO NOBRE DA PISCINA

CORAL POLIFÓNICO DE AVEIRO

CORO POPULAR DE ESPINHO

ENTRADA LIVRE

Org. Coop. Nascente

maré viva

ESPINHO



PORTE PAGO

ESPINHO

Os meios políticos locais, ao contrário do que se poderá pensar, andam muito atarefados. Assim, o próximo fim-de-semana será bastante movimentado.

O PSD, segundo fonte bem colocada, vai já no próximo domingo, discutir o perfil (sic) do seu candidato à Presidência da Câmara, cujas eleições se realizam no próximo ano.

Por outro lado, o CDS vai realizar também no domingo, às 19,15 horas, no Hotel Praiagolfe, uma conferência de imprensa convocada por Luís Gomes e que pretende esclarecer a efervescente situação que ultimamente se tem vivido na secção local daquele partido. A conferência contará ainda com a presença do Dr. Vieira Carvalho, Secretário Geral do CDS, e do Dr. Horácio Marçal, Presidente da Comissão Executiva Distrital de Aveiro.

